versões do pai num caso de neurose obsessiva[1]

Maria Helena Martinho

Devemos supor o nó borromeano tetrádico. [...] O quarto é o sintoma. Também é o pai, já que père-version *significa versão para o pai, e que, por fim, o pai é um sintoma [...]. O complexo de Édipo, enquanto tal, é um sintoma*[2].

"O que é um pai?". A função paterna está no cerne da psicanálise posto que é ao pai que se refere a causalidade psíquica. Este texto traz um caso clínico que ilustra a direção da cura de um sujeito obsessivo, cuja neurose gira em torno da problemática do pai e da divisão da mãe, entre a mãe (função materna?) e a mulher.

Desde o início do percurso de sua análise, Pedro considera o momento em que se tornou pai como desencadeador de sua doença. Diz que nunca conseguiu se situar no lugar de pai e se pergunta: "O que é ser um pai?"

Com Freud e Lacan, aprendemos que o homem, ao se tornar pai, sabe da dificuldade de assumir essa função, pois, de certa forma, tem de fazer de conta que possui todas as características de um pai, quando, na realidade, sempre se sentirá um filho; assim, vê-se como um pai, mesmo que, para seu filho, tenha de fazer de conta que é pai que faz exceção a toda regra. Em outros termos, tem de fazer de conta que detém o falo.

Lacan, quando se refere ao Nome de Nome de Nome[3], fala da intricação de três registros. O Nome-do-Pai se inscreve numa estrutura ternária. No entendimento de Erik Porge, ao tornar-se pai, pela primeira vez, é preciso nomear, ser nomeado e responder por seu nome. Além do mais, esse acontecimento confronta o sujeito com três gerações porque, nesse momento, o filho de um pai acede, ele mesmo, ao estatuto de pai de um filho:

> O Nome-do-Pai é esse laço de Nome de Nome de Nome, pelo qual um nome próprio se liga não aos seus significados, são significantes que portam a relação do desejo à paternidade num

[1] Este texto foi elaborado a partir de minha dissertação de Mestrado: "O que é um pai? Do papel do pai à função lógica do pai", defendida em 2002 no Mestrado em Pesquisa e Clínica de Psicanálise, do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

[2] Lacan. O sintoma e o pai (1975-1976), (Inédito: lição de 18/11/75)

[3] Lacan. Prefácio da peça de F. Wedekind, *O despertar da primavera* (1974 / 1989, p. 133)

> sujeito. Esse laço existe, ao mesmo tempo, na relação do sujeito tomado na transmissão do nome sobre três gerações e na maneira pela qual seu desejo e seu sintoma se articulam ao seu nome próprio[4].

[4] Porge. *Os nomes do pai em Jacques Lacan: pontuações e problemáticas* (1989 / 1998, p. 185)

É a partir disso que desenvolvemos aqui um caso paradigmático para o estudo do que é um pai. Esta, aliás, é sua questão de origem, "o que é ser um pai?", a qual dirige à analista.

Esse homem relata que tudo em sua vida é harmonioso, perfeito; segundo ele, nada estava fora do lugar. O único furo que se evidenciava até então era a problemática do filho (dificuldades escolares), que ele, como pai, não podia suportar: causava-lhe culpa e angústia, de forma que seu discurso se mostrava perfeitamente adaptado ao de um pai que sabia exercer seu papel e que se mostrava angustiado/culpado com o que não ia bem com o filho.

No início do tratamento, aos 37 anos, Pedro apresenta-se como "o menino de ouro": bom filho, bom pai e marido, honesto e de bom caráter – um santo que vem de uma família bem estruturada. Filosofa sobre os valores da vida, num desfilar de significantes, que tentam causar boa impressão; mas uma questão é dirigida à analista: "o que é ser um pai?". Supõe que a analista saiba tudo sobre a paternidade; gostaria de receber um manual que lhe ensinasse a ser pai.

Num segundo momento, decide falar sobre seus sintomas: tonteira, asma, lesão no olho, hipertensão arterial e muitos medos: de escuro, de avião, de elevador, de túnel, de altura. Teme, principalmente, o julgamento final, e diz: "Tenho medo do medo, do medo, tenho medo da morte". Enquanto fica paralisado diante do medo de morrer, não vive, acomoda-se no seu sintoma. Mero apreciador da vida que espreita de longe, não se implica. Seu desejo é estruturado como uma questão sobre a existência: "Estou vivo ou estou morto?"

Durante um longo tempo de sua análise, recusava-se a admitir qualquer possibilidade que denunciasse uma falha em sua família. A idade avançada dos pais era sua única queixa; sentia falta de uma proximidade maior. Gostaria que o pai tivesse bebido cerveja com ele e podido falar sobre sexo. Seu pai é tido como um santo homem: bom, honesto e de caráter. Até casar-se com sua mãe, aos quarenta anos de idade, foi considerado por todos um *Don Juan*, mas, depois de casado, viveu para a família e para o trabalho, "sempre fez tudo certinho". Ele afirma: "Se meu pai teve alguma amante, eu nunca tomei conhecimento; ele era o *moita*".

Este último significante chamou nossa atenção e levantamos a hipótese de que o paciente, também "na moita", soubesse de algo mais do que o "certinho" e que mostrasse, sob a forma de denegação, o seu saber inconsciente sobre a falha do pai. Como todo neurótico, na intenção de manter o pai-todo, ele tenta salvá-lo, fazê-lo existir.

Da mesma maneira, como tinha seu pai como um santo homem, para ele, sua santa mãe era uma "Amélia", vivia para os filhos. Uma vez, ela lhe fez uma revelação: "Nunca pensei que pudesse amar tanto como amo você, meu filho". Sua mãe casou-se virgem, apesar dos seus 35 anos. Foi a única mulher que conseguiu levar o *Don Juan* para o altar, proeza que fez lotar a igreja. Contudo a *santa Amélia* tem algo que horroriza seu filho: ela, surpreendentemente, recebe um santo: a *pombagira*. Tal fato o deixa perplexo e estupefato.

De sua infância lembra que, tido como sofredor e infeliz, ganhava o colinho da mamãe como consolo pelas pressões que sofria dos amigos mais velhos, que o consideravam o "tonto", o "tolo", o "bobo", o "café com leite", o "esparro". Aliás, desde um ano de idade, passava as noites no colo da mãe, que vinha em socorro às suas crises de asma.

Ele era o "santo menino de ouro", filho exemplar, o orgulho da família. Como sempre esteve a postos para ajudar a todos, era considerado um "São Francisco" – justo reconhecimento por suas boas ações. Era também o avesso da irmã, dois anos mais velha, uma "rebelde sem causa".

Sua mãe, aliás, costumava dizer que ele era o *moita*, já que suas bobagens de menino nunca eram evidenciadas; seus pais apenas supunham que deveriam ocorrer. O significante *moita*, com o qual é definido pela mãe, é o mesmo escolhido por ele para se referir ao pai, que, segundo Pedro, deveria manter "secretas relações extraconjugais".

Ele relata uma cena que recorda da infância: aos quatro anos de idade, vai com a irmã para trás do sofá de sua casa. Nus, experimentam jogos sexuais infantis. Ele introduz na vagina da irmã algumas contas que se encontravam espalhadas na sala. A mãe os surpreende e os recrimina ferozmente. Ele suplica que a mãe não revele o ocorrido ao pai, mas suas súplicas de nada adiantaram. Quando notificado sobre o fato, o pai sentencia: "Você vai para o inferno!".

Traz em sua história o contraste: *santa mãe* x *pombagira*, *santo pai* x *moita*, *santo menino de ouro* x *diabo que vai para o inferno*. Freud comenta que, "segundo as antigas doutrinas da Babilônia, o ouro são as fezes do inferno. O ouro entregue

pelo diabo aos seus bem amados converte-se em excremento após sua partida"[5].

Pedro aponta para esse contraste: o precioso santo e o desprezível diabo. Santo ou diabo? Essa é a pergunta que ele se faz, quando se depara com sentimentos ambivalentes e que fazem eco à questão fundamental: estou vivo ou estou morto? Queixa-se de que se percebe como se fosse duas pessoas: uma com sentimentos nobres e outra com sentimentos hostis: "Sinto como se eu fosse dois, um brigando com o outro; é insuportável". Em sua neurose obsessiva, tem consciência da divisão do sujeito.

Localizado como o "santo-diabo", responde à verdade do sintoma dos pais. Qual seria a verdade do sintoma do par parental? Como em todo sujeito neurótico, seria a de que "não há relação sexual" e, portanto, de que não há complementaridade. Sendo o menino de ouro-diabo, ele se dá em sacrifício numa tentativa de driblar a castração do Outro, entretanto o gozo aparece a contrabando, "por debaixo dos panos", através do significante "diabo-moita". Ele se arranja com essa verdade da "não-relação sexual" por meio da construção de um romance familiar, um mito individual, modo de organizar um discurso para tentar suprir uma verdade impossível de transmitir.

Esse sujeito fala, em análise, sobre a imagem que faz de si mesmo, de sua vida: "É como se eu estivesse sempre diante de um dique, esperando que vazasse água de algum buraco, e a minha tarefa fosse a de tapar todos os buracos".

Tal qual o legendário Sísifo, que tinha de estar constantemente a postos para impedir que a gigantesca pedra rolasse sobre ele, esmagando-o até a morte, este paciente mantém-se na vida de forma análoga: vive como se estivesse diante de um dique prestes a vazar. Precisa estar sempre a postos, na tentativa de impedir que o pior aconteça. Em sentinela, aguarda que vaze água de algum buraco do dique, para que prontamente possa tapá-lo.

Para evitar a angústia, o sujeito neurótico antecipa imaginariamente o perigo, desencadeando processos de defesa que seriam utilizados diante de um perigo real. Essa defesa se torna inibidora de todo ato do sujeito. Segundo Freud, o sinal anuncia:

> Estou esperando que uma situação de desamparo sobrevenha. Portanto, preverei o trauma e me comportarei como se ele já tivesse chegado, enquanto ainda houver tempo para pô-lo de lado.[6]

[5] Freud. Caráter e erotismo anal (1908/1976, p.179).

[6] Freud. Inibição, sintoma e angústia (1926/1976, p 191)

Pedro se recorda, com angústia, de uma frase do pai: "Já não tenho mais o que esperar da vida – só a morte". Relata também uma frase de repetição da mãe: "Eu não tenho mais o que aproveitar; aproveite a sua vida, meu filho, pois eu vivo a minha vida através da sua". Ele se pergunta: "Para que nascer, casar e ter filhos, se vamos morrer?"

Diante de uma mãe que diz gozar da vida através dele, e diante de um pai que, depois do casamento, afirma já não ter mais o que esperar da vida, o sujeito se questiona sobre a paternidade e sobre o sentido da vida e da morte, e assim se mantém entre o vivo e o morto, mortificando seu desejo de vida.

Para esse paciente, pelo viés da rivalidade imaginária, o Outro goza dele; trata-se de um Outro que tenta comandar, vigiar, e do qual ele precisa ganhar, o tempo todo, estabelecendo a luta de puro prestígio, descrita por Hegel. Na tentativa de dominar o gozo do Outro, Pedro não só anula seu desejo, como tenta preencher com significantes todos os "buracos" (como descreve na imagem que faz de si mesmo, diante do dique) para barrar o gozo desse Outro, que sabe faltante, uma vez que se situa como escravo, mas que, no entanto, o mantém senhor.

Pedro quer saber se a profecia do pai – "Você vai para o inferno" – será cumprida. Queixa-se de que se sente constantemente vigiado por um olho que o espia. Recentemente, descobriu que isso está relacionado ao pai. Teme o julgamento final, que, na realidade, já foi feito, no início, pela profecia do pai, e que definirá se é inocente ou culpado: "Irei para o céu ou para o inferno?"

Ele se recorda de outra cena da infância que revela as diabruras de um santo que fica "na moita": ele e os amigos brincavam com uns gatinhos na garagem do prédio onde morava. Quando os amigos se foram, pegou os gatos e os jogou contra a parede até matá-los. Depois, com cara de "sonso", chamou os amigos para que vissem os gatos mortos e disse tê-los encontrado assim, por acaso.

Identificado com o *moita*, pode fazer suas diabruras sem ser descoberto, não perdendo o lugar de santo, tão apreciado pelos pais também santificados. Contudo lamenta: "A imagem que passo para os outros é tão convincente que eu seria o último suspeito. Eu crio um teatro tão grande, que, no final das contas, eu mesmo acabo acreditando, já não sei mais até onde é teatro e até onde sou eu".

Pedro relata um sonho: "Dei um soco na boca de minha mulher e arranquei-lhe todos os dentes". Em associação a esse

sonho, diz agora saber que, se brigar, é capaz de matar: "Tenho medo de que o São Pedro (forma com que se refere a si mesmo) deixe surgir algo em mim, um monstro". Se o "santo" Pedro parar de tamponar o dique, ou seja, se o paciente retificar essa posição subjetiva, o "monstro" advirá nele. Recorda uma cena marcante da adolescência: "Minha irmã discutia com meu pai na sala de minha casa. Meu pai estava desolado com as coisas que ela dizia. Em determinado momento, escuto: 'Vou me jogar pela janela'. Pensei tratar-se do meu pai; apavorado, desci para tentar apará-lo na hora da queda. Só que não tinha sido ele quem havia dito aquilo, mas minha irmã, e eu fiquei lá embaixo, esperando que meu pai se jogasse".

O desejo incestuoso pela mãe aparece em seu discurso, por intermédio de um deslizamento para a irmã, e esse desejo é reafirmado em seus atos falhos, quando, em várias sessões subseqüentes, troca o nome da esposa pelo nome da irmã. Esse desejo também emerge quando faz menção à sua vida sexual: "Minha mulher é a mãe, mãe dos meus filhos, é a que cuida de mim como se fosse minha mãe; não tenho tesão por ela desde que meu filho nasceu". O desejo incestuoso de Pedro o impede de desejar a mãe/mulher.

Com um sonho de conteúdo sexual, verifica-se a entrada em análise com a inclusão da analista em seu sintoma. Pedro narra que ele e a analista estavam no apartamento de veraneio de sua irmã, local costumeiramente reservado para suas relações extraconjugais: "Nós estávamos no apartamento de veraneio de minha irmã. A campainha tocou e, diante da porta, estavam meu pai, minha mulher e meus filhos". O significante qualquer da analista, "Você parece com a minha irmã", mostra o estabelecimento da transferência.

Diante da ameaça de castração, cujo agente é o pai real, Pedro almeja a morte do pai – que se jogue pela janela –, na esperança de assim ocupar o seu lugar. Convém ressaltar que a função do pai é impensável sem a categoria do significante. O pai real não se confunde com o chamado sujeito da paternidade, não se refere a um pai de família castrador. O pai real é um efeito de linguagem, é o agente da castração, porque está ligado à lei, está encarregado de representar a interdição do incesto.

A castração articulada ao significante toma o caráter de função, não fica restrita apenas à sua dimensão imaginária, reduzida a termos psicologizantes. Na clínica, encontramos o pai real como um pai gozador; é a imagem do pai safado, ladrão, que cometeu algum pecado. Esse gozo do pai, O sujeito localiza esse gozo do pai em seu sintoma, e a clínica confirma a

imaginarização do pai real como um pai privador. Nesse caso, o significante "santo" aparece, na cadeia, associado à "moita", evocando o pai *Don Juan, o moita*. Identificado com o *moita*, pode suportar o desejo incestuoso da mãe ("Nunca pensei que pudesse amar tanto como amo você, meu filho"), bem como o próprio desejo incestuoso em relação à mãe e à irmã. Mas a culpa e a recriminação advindas do seu desejo incestuoso trazem para o sujeito uma de suas versões do pai: o "diabo-monstro-assassino", versão que aparece na série de significantes com os quais descreve seus sonhos ou fantasias. O "diabo-monstro-assassino" que fica "na moita" é uma tentativa de barrar o *santinho da mamãe*, sustentando-o na neurose.

Pedro demonstra extremo interesse pela árvore genealógica da família. Sempre quis ter um filho homem para perpetuar sua existência. Quando o filho nasce, decide lhe dar o nome do pai, uma homenagem que, segundo ele, tem função de "amarração". Considera essas três gerações como a "trilogia dos Pedros". Seu pai chama-se Pedro, o paciente, Pedro Júnior, e seu filho, Pedro Neto. Mas a trilogia revela um mal-estar: "Pedrinho sou eu; na família me chamam assim. Agora, Pedrinho é o outro. Mas quando minha mãe me chama Pedro, meu pai olha".

A superposição dos lugares de pai e filho se evidencia em sua fala. Com freqüência, ele se situa no lugar de seu pai e no lugar de seu filho. Faz correlações entre as idades, imagina-se com a idade do pai (oitenta anos) e calcula a idade que o filho teria (47 anos). Também imagina o filho com sua idade atual (37 anos), conferindo a idade que ele próprio teria (setenta anos). Acha que será um pai como o seu foi: "Eu me identifico com meu pai; olho no espelho e vejo meu pai. Me vejo no meu pai e no meu filho, porque estou no meio. Meu pai teve irmãos e irmãs. Eu sou o único que só tem o pai e o filho. Quando meu pai morrer, estarei perdido".

O nascimento do filho o chama para ocupar o lugar de pai, ao qual ele não pode responder, posto que, neurótico obsessivo, espera pela morte do pai para que possa ocupar seu lugar, mantendo, assim, sua dívida simbólica impagável. Encontramos, na clínica do obsessivo, a conjugação de dois significantes no Outro: o pai e a morte, os quais denotam a articulação da lei com o assassinato do pai. Mesmo com o assassinato do Pai da Horda[7], o gozo permanece interditado, apontando para a castração constituinte do sujeito neurótico e de sua dívida simbólica e impagável, que, no caso de Pedro, aparece na impossibilidade de se exercer como pai.

[7] Freud. Totem e tabu (1912/1976)

Seu pai adoece e, com a doença dele, as idéias obsessivas se acentuam: "Meu pai ficou doente porque eu transei com minha ex-namorada. Se ele ficar bom, nunca mais vou olhar para cara dela; se ele morrer, eu posso".

Recentemente, sua mãe também ficou adoentada. Três anos depois da morte do pai, revive a possibilidade de uma outra perda: a da mãe. Embora seja herdeiro de muitos bens e tenha construído os seus próprios, sente pavor diante da possibilidade de perda da mãe e, principalmente, de sua pensão, enganando-se de que o desamparo é de ordem material. Ele não pode abrir mão da pensão que o pai deixou para a mãe, por esta ser uma referência que se mantém materializada entre ele e a mãe como interdição.

Na teoria psicanalítica, a metáfora paterna concerne à função do pai, centro da questão do complexo de Édipo, que o inconsciente revela. A função do pai no complexo de Édipo indica o lugar em que o pai intervém. Antes de tudo, ele interdita a mãe. Esse é o fundamento do complexo de Édipo; é aí que o pai se liga à lei primordial da proibição do incesto. É o pai quem fica encarregado de representar essa proibição. O matema da metáfora paterna esclarece que a função do pai não é uma questão sociológica. É uma questão referida ao significante Nome-do-Pai. A posição do Nome-do-Pai é uma questão que se situa no nível simbólico. Pode materializar-se sob diversas formas culturais, mas não depende, como tal, da forma cultural; é uma necessidade da cadeia significante. Com a instituição de uma ordem simbólica, alguma coisa corresponde, ou não, à função definida pelo Nome-do-Pai. Nessa função, as significações podem ser diferentes, conforme os casos, mas de modo algum dependem de outra necessidade que não a da função paterna, à qual corresponde o Nome-do-Pai na cadeia significante. O pai, por seus efeitos no inconsciente, realiza a interdição da mãe sob a ameaça de castração. Como aquele que priva mãe e filho do objeto de desejo – objeto fálico –, o pai desempenha papel essencial em qualquer neurose e em todo o desenrolar do complexo de Édipo.

Nesse ponto, é importante destacarmos o matema lacaniano da metáfora paterna:

$$\frac{NP}{\cancel{DM}} \cdot \frac{\cancel{DM}}{x} \longrightarrow NP\left(\frac{A}{Falo}\right)$$

Por meio desse matema, Lacan[8] revela o desejo da mãe (DM) como simples incógnita para o sujeito (x); o Nome-do-Pai (NP) vem barrar esse desejo caprichoso que se apresenta como incógnita. A partir desse momento, o Nome-do-Pai regula o Outro (A) como determinado pela significação fálica. Quando o significante Nome-do-Pai não se inscreve no simbólico, temos a psicose: a relação com a mãe não é mediatizada pelo pai.

[8] Lacan. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1955-1956), (1998, p.563).

É relevante pontuar que a metáfora paterna opera, ou não, para a criança; dito de outra maneira, ela se refere ao psiquismo da criança, não ao psiquismo dos pais como sujeitos. A fórmula da metáfora paterna esclarece que a função simbólica do pai é estruturante e, por isso mesmo, castradora, barrando o acesso ao mundo do gozo com a mãe.

No caso apresentado, podemos pensar, a com base nos significantes do paciente, como a metáfora paterna operou para esse sujeito. Verificamos que o pai de Pedro, *Don Juan, o moita*, surge como *père-version* no sujeito com o significante o "*moita* Júnior". O pai simbólico, pai morto, reduzido a puro significante, não impede que a incidência do Nome-do-Pai deixe um resto – "Você vai para o inferno" –, e aponte para o pai real. O *moita*, como versão do pai, é um significante que assinala a castração materna:

$$\frac{moita}{\cancel{Santinho\ da\ mamãe}} \bullet \frac{\cancel{Santinho\ da\ mamãe}}{x} \longrightarrow moita\left(\frac{A}{Falo}\right)$$

O x se refere à pergunta "o que o Outro quer de mim?", ao que Pedro responde: "Eu gostaria que fosse a mim". Porém, com a incidência do Nome-do-Pai, Pedro pode dizer: "não é só a mim que ela quer; há outra coisa que mexe com ela". O Nome-do-Pai (NP – *moita*) vem barrar o desejo da mãe (DM – *santinho da mamãe*). O *santinho da mamãe* é uma das interpretações de Pedro para o desejo da mãe.

Na família, são necessárias algumas ultrapassagens para que o sujeito se constitua, já que, para uma mulher, o filho, "carne de sua carne"[9], é objeto de um amor que foi em sua origem, como ensina Freud, plenamente sexual. A mulher está dividida como sujeito do inconsciente e entre seu "ser mulher" e a mãe. Pedro não faz essa ultrapassagem, já que situa sua mulher, mãe de seus filhos, no lugar de mãe, impossibilitando o desejo sexual.

[9] Freud. O mal-estar na civilização. (1930/1976, p.121)

Podemos pensar que, no caso clínico apresentado, o significante Nome-do-Pai (*moita*) enuncia o impossível da relação sexual, pois o encontro sexual não se escreve como encontro intersubjetivo: não há complementaridade. É essa posição do pai a que Lacan define quando diz que "Um pai só tem direito ao respeito, senão ao amor, se o-dito amor, o-dito respeito estiver perversamente orientado, isto é, feito de uma mulher, objeto pequeno *a* que causa seu desejo [...]".[10] O significante "moita", que propicia o gozo a contrabando, refere-se ao gozo do pai real, este que faz existir a mãe como mulher, como causa de desejo para o homem/pai.

[10] Lacan. *R. S. I.* (1974-1975), (Inédito: lição de 21/01/75)

O significante do Nome-do-Pai (*moita*) coloca por terra tanto o "pai santo" (o pai não era santo, era o *moita* que, possivelmente, mantinha secretas relações extraconjugais) quanto a "mãe santa" (a mãe também não era santa, recebia um santo, a *pombagira*, significante oriundo das religiões africanas que, na cultura popular, representa a mulher puta). Tais significantes, o que vem do pai (*santo* x *moita*) e o que vem da mãe (*santa* x *pombagira*), denotam uma conotação sexual, o que os destitui do lugar de santos.

[11] Nominé. *O sintoma e a família* (1977).

Bernard Nominé, Philippe Lacadé e Marie-Jean Sauret[11], matemizaram a teorização de Lacan sobre a metáfora paterna dos anos 1970, resultando em:

$$\frac{\text{Homem}}{\not{S}} \longrightarrow \frac{\text{Mulher}}{a} \;/\; \frac{\text{Mãe}}{\not{S}} \longrightarrow \frac{\text{Criança}}{a}$$

Parafraseando esses analistas franceses, podemos fazer a seguinte articulação clínica:

$$\frac{\textit{D. Juan} - \textit{o moita}}{\not{S}} \longrightarrow \frac{\textit{Pombagira}}{a} \;/\; \frac{\textit{Santa Amélia}}{\not{S}} \longrightarrow \frac{\text{Pedro}}{a}$$

O desejo do pai, que fica "na *moita*", assegura a divisão materna, encarrega-se da castração da mãe. A divisão entre a mulher (*pombagira*) e a mãe (*Santa Amélia*) mostra que não há a mulher nem a mãe-toda.

Identificado com o pai pelo significante *moita*, que traz, em suas várias significações, a possibilidade de barrar a mãe, Pedro pode situar-se na neurose e estabelecer suas relações

com o Outro sexo, protegendo-se do incesto. Ele está em análise há oito anos. Ao longo desse percurso, vem fazendo algumas destituições. Os sintomas que se manifestavam no corpo e os medos deixaram de ser um empecilho em sua vida. As questões relativas à morte e à paternidade, porém, permanecem trazendo-lhe sofrimento. Este nada tem de urgente; foi essa a forma que encontrou para se proteger da angústia. A angústia é um corte que se abre, que deixa aparecer o inesperado, a novidade; é a proximidade do que causa o desejo. Para evitá-la, Pedro assume a posição de postergar o desejo, mantendo-o impossível. Sua vida é dedicada a tentar satisfazer o desejo do Outro.

Desse modo, esse caso possibilita uma exemplificação clínica sobre a distinção entre o "papel do pai" e a "função do pai". Podemos observar, no relato do caso apresentado, que tanto Pedro quanto seu pai apresentam condutas pessoais e sociais facilmente consideradas como um bom desempenho do "papel do pai". O pai de Pedro é, do ponto de vista familiar e educacional, o mais "adequado", o mais "normal", o mais "maravilhoso", no entanto o essencial nesse caso se refere ao fato de que a estrutura neurótica desse sujeito não foi determinada exatamente pelo papel de "bom pai" que o pai de Pedro desempenha na família e no social. É na *père-version* do *Don Juan*, *o moita* que ele opera como pai de Pedro, ou seja, o filho precisa ter uma *père-version* do pai para advir como o sujeito obsessivo que é. Na verdade, se o "bom pai", que estava dentro de casa cuidando da *pombagira* e tomando conta dos filhos, não transgride nada, não foi ele quem operou e sim o mito paterno construído por Pedro.

Além disso, a função paterna que o significante do Nome-do-Pai instaura é sempre falha e faz sintoma. Como verificamos, a conduta "adequada" do pai de Pedro não evita a emergência dos sintomas neuróticos que causam transtornos na vida do seu filho. Tal constatação possibilita considerar que o "furo" em relação a algo com o filho se dará justamente onde o pai não sabe e não tem como sabê-lo.

referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. Caráter e erotismo anal (1908). In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. IX.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu (1912-1913). In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XIII.

FREUD, Sigmund. Inibições, sintomas e angústia (1926 [1925]). In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XX.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930 [1929]). In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XXI.

LACAN, Jacques. *O seminário - livro 4: A relação de objeto* (1955-1956). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, Jacques. *O seminário - livro 5: As formações do inconsciente* (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LACAN, Jacques. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1955-1956). In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. Prefácio da peça de F. Wedekind, *O despertar da primavera* (1891), Shakespeare, Duras, Wedekind, Joyce (1974). In: *Coleção pelas bandas da psicanálise.* Lisboa: Assírio e Alvin, 1989. Vol. IV

LACAN, Jacques. *O seminário - livro 22: R.S.I.* (1974-1975). Inédito

LACAN, Jacques. *O seminário - livro 23: O sintoma* (1975-1976). Inédito.

MARTINHO, Maria Helena. *O que é um pai? Do papel do pai à função lógica do pai.* Rio de Janeiro, 2002, 135 f. Dissertação. (Mestrado em Pesquisa e Clínica de Psicanálise) – Instituto de Psicologia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

NOMINÉ, Bernard. *O sintoma e a família.* Belo Horizonte: EBP, 1997.

PORGE, Erik. *Os nomes do pai em Jacques Lacan: pontuações e problemáticas.* Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

resumo

Este trabalho utiliza um caso clínico de neurose obsessiva para exemplificar a distinção entre função paterna e papel do pai, revelando como a versão do pai possibilita a divisão da mãe: encarrega-se da castração da mãe, ao demonstrar que é a versão do pai que protege o sujeito da psicose, em detrimento do que um certo discurso social identifica como deficiências no papel do pai.

abstract

This work introduces a clinical case of obsessive neurosis to illustrate the difference between the father's function and the father's role. It demonstrates how the version of the father assures the maternal division: undertakes the castration of the mother, showing that the version of the father protects the person from psychosis in detriment of what a certain social discourse identifies as the deficiencies in the role of the father.

palavras-chave

Nome-do-Pai, pai, versões, neurose obsessiva, castração

key words

Name-of-Father, father, versions, obsessive neurosis, castration